

POLÍTICA

HOROLDO HOLLANDA

Advertências de Sarney

Em conversa com amigos, o senador José Sarney, com sua experiência de político tarimbado, que viveu diversas e dramáticas situações da história de nossa vida pública, acompanha com apreensão a corrida sucessória deflagrada antes da hora propícia a esse tipo de debate. Mais ainda: o que o preocupa é a precipitação política com que passaram a se conduzir candidatos como Lula, Maluf e Brizola. A constatação feita pelo ex-Presidente é a de que o organismo político nacional se encontra debilitado, em função da grave crise econômica e social da qual somos todos testemunhas. O seu receio é o de que a falta de visão com que se portam os candidatos, os seguidos ataques que têm desferido contra o governo Itamar, alguns deles revestidos até de caráter pessoal, possam estar criando no País um clima de instabilidade política que acaba desaguando em situações indesejáveis do ponto de vista institucional. O presidente Itamar Franco, por sua vez, já demonstrou que não deixará sem resposta nenhuma das críticas que vier a sofrer. Sarney tem lembrado a seus

amigos, no curso dessas conversas, que experimentou situações semelhantes no seu governo, mas procurou tratá-las de forma a não agravar o quadro político, de acordo com seu espírito conciliador. Acompanha atentamente os últimos movimentos registrados em assembléias militares no Rio de Janeiro. Não vê risco de intervenção das Forças Armadas no processo político, mas adverte que os políticos de todos os partidos, as lideranças civis, precisam demonstrar capacidade não só de encaminhamento como de solução dos graves problemas nacionais, diante dos quais nos defrontamos. A responsabilidade não é só do Presidente da República, mas de todos os políticos.

Sarney acha que o prefeito Maluf, como candidato, comete os mesmos erros do passado. Acredita que, não medindo a importância das adesões políticas, o prefeito paulista vai inchando seu novo partido, como se a próxima eleição fosse decidida por deputados e senadores, quando é uma disputa a ser travada nas ruas e finalizada nas urnas.

Brizola e os presidencialistas

Acompanhado do deputado piauiense Paes Landim, o senador Marco Maciel reuniu-se anteontem no Rio com o governador Leonel Brizola para discutirem aspectos relacionados com a campanha presidencialista. O encontro foi preparado pelo presidente nacional do PDT, o ex-deputado Neiva Moreira. Maciel fez um apelo ao governador Brizola para que na campanha na televisão ele cesse os ataques pessoais. Brizola prometeu atender ao senador, afirmando que, depois de ter identificado sua posição, vai partir agora para uma "linha de convergência". Contou que estava chegando do Rio Grande do Sul, onde havia participado, em Porto Alegre, junto com o governador Alceu Colla-

res, de uma concentração em favor do presidencialismo. Quando o governador Collares confessou, perante a multidão, que, apesar de ser parlamentarista, ia votar pelo presidencialismo, uma grande vaia ecoou pela praça pública. Voltando-se para o governador, Brizola comentou:

— Alceu, esta vaia não é para você, mas para os parlamentaristas...

Brizola se disse preocupado com os "tucanos" do PSDB, porque, na sua opinião, eles se julgam iluminados. Recordou que a antiga UDN era também constituída por iluminados, do mesmo modo que os comunistas brasileiros chefiados por Prestes.

Disputa pela liderança

O senador Eptácio Cafeteira não abre mão de sua candidatura a líder da bancada do PPR, o novo partido de Maluf. Só que o mesmo posto está sendo reivindicado também para o senador Jarbas Passarinho. Tudo in-

dica assim que vai haver disputa. Cafeteira alega que, na Câmara, o deputado José Luiz vai continuar na liderança. Antes da fusão do PDC com o PDS, Cafeteira era o líder do primeiro partido no Senado.

Guerra civil

Encontrando-se ontem no salão negro do Senado, na trade de autógrafos dos irmãos Caruso (Chico e Paulo) com o senador Mário Covas, líder do PSDB, o deputado José Genoíno, do PT, foi logo advertindo-o:

— Estamos em guerra civil...

Antes que Covas se retobrasse da surpresa, Genoíno esclareceu:

— Guerra civil entre os can-

didatos à sucessão presidencial. Ao que Covas concluiu:

— No momento, eles atacam apenas o Itamar. Mas daqui a pouco, quem estiver liderando as pesquisas é que vai receber as pedradas.

O senador Covas, irônico, estranha o comportamento dos candidatos que agora atacam o presidente Itamar: até ontem, eles estavam apoiando o governo ou, no máximo, calados.

Campos e o Brasil

Ao presidir um debate sobre parlamentarismo versus presidencialismo no Museu da República, no Rio, o ex-ministro Roberto Campos confessou sua perplexidade. Acha que esse debate lhe parece com a situação

de um doente, que em vez de se preocupar com os antibióticos e outros medicamentos que os médicos lhe aplicam, concentra suas atenções sobre a cor das paredes do quarto ou dos lençóis que cobrem sua cama.